

O *Manifesto* ainda tem importância histórica?

NODARI A. SIMONIA

ESTE ANO MARCOU O sesquicentenário da data em que Marx e Engels publicaram em Londres seu *Manifesto*. Muitos poderiam perguntar: “Por que se deveria atribuir tanta importância a esse documento? Já não está superado? Especialmente hoje em dia, depois que a URSS caiu por terra e o *sistema socialista mundial* desapareceu de vez?”

Em primeiro lugar, o tipo de socialismo que existia na URSS era um *quase-socialismo* e não um socialismo genuíno. A própria idéia de construir um socialismo num país agrário atrasado num tempo em que até os países mais desenvolvidos do Ocidente não estavam amadurecidos para esse sistema político, foi *antimarxista*. Antes de sua enfermidade, Lenin de modo algum nunca afirmou que havíamos construído o socialismo. Quando viu que suas esperanças numa revolução na Europa desapareceram completamente, Lenin lançou a idéia da Nova Economia Política (NEP), cujo ponto crucial era um tipo particular de capitalismo estatal. Stalin abandonou a NEP e começou a construir um *comunismo primitivo* baseado no terror político econômico.

Em segundo lugar, como documento que se destinava a ações específicas de um partido político no tempo proposto, o *Manifesto* ficou sem dúvida superado. Seria simples loucura que alguém quisesse hoje obedecer a letra desse documento. Todavia, como obra, na qual Marx e Engels profetizaram que o capitalismo seria seguido pelo período do comunismo, ele ainda é o documento do futuro. Marx comprovou depois, de forma científica, essa previsão com uma análise profunda em seu *Das Kapital*, tendo demonstrado de que modo a conseqüente e crescente socialização da produção, por si só, está levando a humanidade para o futuro período comunista.

É óbvio que Marx, exatamente como todos os outros gênios, estava circunscrito dentro das limitações de seu tempo, enquanto suas aspirações revolucionárias o impeliam, e a Engels, para uma reavaliação da maturidade do capitalismo e da disponibilidade das sociedades humanas para a nova vida. A história subsequente demonstrou que apenas agora o novo modo de vida da sociedade do futuro está se estabelecendo no seio dos países capitalistas desenvolvidos,

e esse processo se baseia na concepção de novas forças produtivas da tecnologia e da informática da era pós-industrial.

Em geral, o teórico muitas vezes colidiu com o revolucionário, um contradizendo o outro, nas personalidades de Marx e Engels. Marx, por exemplo, insistiu de fato que a ideologia e especialmente a psicologia das massas eram os pontos mais estáveis e que seriam os últimos a mudar. A impaciência revolucionária, porém, levou-os repetidas vezes a interpretar explosões, movimentos e ações revolucionárias, que em sua essência objetiva visavam à libertação burguesa, como o começo de uma sublevação social. Contudo, Engels, que sobreviveu a Marx por um total de 12 anos, e chegou quase até o fim do século XIX, teve tempo de desiludir-se com o potencial revolucionário do proletariado da Inglaterra – o país capitalista mais desenvolvido daquele tempo. Hoje, com a revolução da tecnologia e da informática se alastrando, as forças da produção industrial estão adquirindo um sentido cada vez mais secundário. Com os processos de origem e instituição de novas forças produtivas da era pós-industrial a força social predominante da futura sociedade socialista irá crescer e ganhar força.

Ocorreu também um grave erro de lógica. Desse modo, Marx e Engels claramente apontam em seu *Manifesto* que durante cada uma das disposições anteriores (escravocrata, feudal) duas classes principais opunham-se entre si (senhores de escravos e escravos, senhores feudais e servos), e que a luta entre essas duas classes sempre terminava com a reconstrução de toda a sociedade e a *destruição geral* das classes conflitantes. Seria lógico supor que o mesmo devesse ocorrer com a sociedade burguesa e suas duas classes principais, uma vez que o proletariado, exatamente como os escravos e os camponeses feudais antes dele, não estava preparado para servir como a força dominante na reconstrução de uma sociedade nova, mais elevada. Todavia, nesse aspecto a lógica abandonou Marx e Engels (assim como mais tarde abandonou Plekhanov e Lenin) –, eles proclamaram que o proletariado seria responsável pela construção da sociedade do futuro, criando assim sérias dificuldades para o desenvolvimento do movimento comunista.

Contudo, é difícil superestimar a importância da idéia de Marx de que o comunismo deve suplantar o capitalismo. Pelo que tudo indica, o assustador *fantasma do comunismo* mais uma vez começa a vagar pelo mundo, pelo menos nas mentes de muitos pensadores liberais. Com o devido respeito, será curioso mencionar a prova que se pode encontrar na resenha *A economia mundial*, publicada por uma revista respeitável: *The Economist* (20 set. 1997). A revista cita as opiniões de pessimistas-liberais expressando sua apreensão de que a

globalização possa solapar as bases de economias nacionais, causando assim uma nova crise, e então “Marx rirá por último no fim das contas” (p.6). As idéias de que democracia e liberalismo não são uma só nem a mesma coisa, de que o capitalismo dificilmente pode continuar a conviver em harmonia com a democracia, e de que no decorrer dos últimos 50 anos a democracia vem solapando o capitalismo, limitando a liberdade da iniciativa privada, perpassam toda a resenha da revista (p.6-8).

Realmente, ri melhor quem ri por último!

Nodari A. Simonia é professor da Academia Russa de Ciências, Moscou.

Tradução de Almiro Pisetta. O original em inglês – *Can the Manifest der Kommunistischen partei be still regarded as document of hystorical significance?* – encontra-se à disposição do leitor no IEA-USP para eventual consulta.